

“Na minha infância certa vez sonhei que eu não podia ir até minha pequena cama (que tinha barras e para mim significava um refúgio) porque o cômodo todo estava tomado por uma trama delicadamente fiada, porém densa e extremamente emaranhada, similar às secreções com as quais os bichos-da-seda preenchem seus casulos na medida em que se tornam pupas. Além de mim, outras criaturas vivas e objetos eram capturados nessa imensa trama: mariposas e besouros de todos os tipos que tentavam chegar até a vela que cintilava debilmente no quarto; e enormes travesseiros úmidos e sujos, cujos enchimentos podres saiam para fora através de rasgos nas capas. Qualquer movimento de um inseto imobilizado fazia com que a trama inteira começasse a chacoalhar, balançando os pesados travesseiros pra frente e pra trás; isto, em compensação, fazia tudo estremecer ainda mais. Às vezes os movimentos recíprocos tornavam-se tão violentos que a trama rompia em certos lugares e alguns besouros eram inesperadamente liberados, apenas para serem enlaçados logo em seguida, com um zumbido engasgado, na malha tremulante outra vez. Essas ocorrências súbitas e periódicas de eventos alteravam gradualmente a estrutura interna da trama que se tornava ainda mais emaranhada. Em certos lugares formavam-se nós impenetráveis; em outros, cavernas se abriam onde fiapos da trama original flutuavam como filamentos de teia de aranha. Essas transformações eram irreversíveis; nenhum estado anterior poderia ocorrer novamente. Havia algo indescritivelmente triste nesse processo: a desesperança do tempo transcorrido e do passado irrecuperável. A memória desse sonho tão distante teve uma influência definitiva sobre a música que escrevi no fim dos anos 50.” (LIGETI, 1993, pp. 164-165 – grifo meu)